

# } 3.2

## Colégio de São Gonçalo 78 anos de história, num percurso com sentido

Tempos houve em que, nas margens do rio Tâmega, apenas se acumulavam as casas dum velho burgo, a lendária ponte de pedra, o sagrado mausoléu de S. Gonçalo, envolto numa faixa branca de neblina feita das memórias imortais da vida póstuma do santo que lhe deu nome, e uma paisagem de singular beleza. Nesses tempos, cabia apenas à Terra o papel de fazer os homens que nela encontravam o colo e o regaço. Por isso, impunha-se a fundação de um berço capaz de abraçar uma missão de sublimação moral e civilizacional das gentes de Amarante.

No longínquo ano de 1930, o Tâmega foi o convidado acidental que testemunhou a inauguração da Creche-Patronato Sant'Ana, num edifício que as suas águas tocavam. Padre Joaquim Teixeira da Silva, o director nomeado, foi quem primeiro abraçou a missão de garantir o cumprimento do espírito que esteve na génese da fundação daquela instituição: aquela casa seria "*um estabelecimento de caridade, educação e instrução (...), recebendo, agasalhando, educando e instruindo cristamente durante o dia, seus filhos de ambos os sexos*"<sup>1</sup>. Nascia, assim, o Colégio de São Gonçalo.

Hoje, o Colégio de Amarante é uma instituição de prestígio, o berço que cresceu e que soube redimensionar-se para servir quem nele procura uma instrução sólida e competente, alicerçada num ideário que, hoje como no princípio, encontra na moral cristã o espírito que a tem guiado, numa epopeia educativa de um projecto que, desde cedo, assumiu a diferença.

<sup>1</sup> artigo 2, cap. I, Estatutos da Creche-Patronato de Sant'Ana

## Quem somos?

O surgimento do Colégio, em Outubro de 1931, veio suprir a desertificação completa dos estabelecimentos de ensino secundário em Amarante pois, à data da sua fundação, assistira-se já à extinção do velho Liceu de Amarante e do antigo Colégio do Padre Sertório, ambos de efémera duração. Com uma primeira população escolar de trinta e três alunos (ambos os sexos), na instrução primária (20 alunos no primeiro liceal e 9 alunos no segundo liceal), no primeiro ano, havia só três alunas internas e usava-se uniforme. Parte deste grupo de alunos procedia das aulas particulares e explicações do professor Avelino Sardoeira, o qual veio a integrar, desde logo, o corpo docente do Colégio constituído, então, por oito elementos.

Após a morte do seu fundador, sucede na direcção do Colégio o P<sup>e</sup> José da Silva Ramalho. Sob a sua directoria, assiste-se ao desenvolvimento e consolidação da obra do P<sup>e</sup> Joaquim. A essência do generoso Ideário de alto significado humanista e cristão é mantido, com a preciosa e dedicada ajuda das irmãs Franciscanas Hospitaleiras dos Pobres, sempre fiéis ao lema da Madre Maria Clara: «Onde houver o bem a fazer que se faça.»

Instituição de sucesso, o Colégio mantém, no entanto, a dependência pedagógica do ensino oficial, diante do qual prestava provas. Entretanto, o crescimento da população estudantil obriga a constantes adaptações e multiplicação das instalações, até porque, em 1944, um despacho ministerial de 4 de Novembro, autoriza, a título precário, a «coeducação» dos sexos.

Face à exiguidade do espaço, começa a ganhar peso a ideia da construção de um novo edifício, mas, em 1952, o P<sup>e</sup> Ramalho é informado da recusa da Direcção de Urbanização do Distrito do Porto à aprovação de um projecto de ampliação das instalações do Colégio. Em 1956, por ocasião das comemorações das Bodas de Prata do Colégio, numa sessão solene presidida pelo Bispo da Diocese, D. António Ferreira Gomes, a acção educadora da instituição é reconhecida pelas populações e pela Câmara Municipal, assinalando-se o mérito à acção do P<sup>e</sup> Ramalho e das irmãs Hospitaleiras responsáveis por «um modelar estabelecimento de ensino da província». No dia 14 de Novembro de 1962, D. Florentino de Andrade e Silva, Administrador Apostólico da Diocese do Porto, tendo necessidade da colaboração do P<sup>e</sup> Ramalho noutros lugares da Diocese, convida o P<sup>e</sup> Manuel Clemente Teixeira, professor do Colégio e pároco de Candemil e Ansiães, a assumir a direcção do Colégio de São Gonçalo.

Foram muito difíceis os primeiros anos do novo director, uma vez que foi confrontado com a primeira crise do Colégio. Com as mudanças dos tempos, chegavam as novas políticas para o ensino. O ministro Veiga Simão provoca um «maremoto escolar», com a acção da democratização do ensino em Portugal, o que colocou em perigo os estabelecimentos de ensino particular. Neste contexto,

surgem, em Amarante, as primeiras escolas oficiais: a Escola Técnica, a Escola Preparatória e o Liceu. No entanto, a singularidade do Colégio radicada no seu Ideário, apesar da desigualdade de oportunidades trazida por Veiga Simão, garantiu não só a sobrevivência do Colégio, mas, inclusive, o crescimento contínuo de inscrições de novos alunos. Em discurso proferido a 19 de Outubro de 2002, na celebração dos 50 anos da sua Ordenação Sacerdotal, o actual director, P<sup>e</sup> Manuel Clemente Teixeira, lembrou esses tempos conturbados: *"Nestas circunstâncias, a situação do Colégio de S. Gonçalo tornava-se particularmente aguda; de estabelecimento único, de ensino pós-primário, durante mais de três décadas, no concelho de Amarante, tem de confrontar-se, agora, com as escolas estatais, do seu meio, vendo, naturalmente, abandonar as suas salas de aula, uma franja considerável da sua população estudantil, aliciada por um ensino gratuito, ainda hoje, praticamente negado ao ensino particular, em Portugal."*<sup>2</sup>.

Entre 1966 e 1969, quer por despacho da Inspeção Superior, que sublinhava estar muito excedida a lotação do Externato, pois eram já 400 os alunos que frequentavam o Colégio, divididos pela Instrução Primária e Curso dos Liceus, quer em exposições dirigida à Cúria, onde o Director denunciava os transtornos resultantes da construção da nova ponte sobre o rio Tâmega, por esta diminuir fisicamente o espaço de ensino, entre outras inconveniências, a construção de um novo Colégio impunha-se, até porque se pensava alargar os estudos ao 3<sup>o</sup> ciclo, o que aconteceu no ano lectivo de 1970/71. No início de 1969, o director anunciava: *"Dentro de dias começaremos a construção de um novo colégio. Será uma casa para servir. Não é um monumento nem uma casa grandiosa. Será actual, modesto e funcional."* O novo edifício foi concluído em 1971.

Desta forma, o Colégio foi crescendo em espaço, instalações, equipamentos, população docente, alunos e auxiliares educativos, oficializou-se a Secção Infantil e foram criados Cursos Complementares, nas diferentes áreas (em 1973, abriu-se o Curso Nocturno – que, até então, não existia no ensino oficial.). Aliás, o Colégio nunca parou de crescer, até aos dias de hoje. Se, no início da crise, em 1962, a população estudantil do Colégio era de 120 alunos, em 1989, já era de 2000 alunos, estendendo-se a zona de cobertura às terras de Basto, Baião, Marco de Canaveses, Felgueiras, Paredes e mesmo Trás-os-Montes. No ano lectivo 2006/07, matricularam-se no Colégio um total de 2106 alunos. Hoje, esse número já subiu para 2166 alunos, em representação de todos os graus de ensino, desde a Creche, até ao 12<sup>o</sup> ano (Creche, 49 alunos; Pré-escolar, 146 alunos; 1<sup>o</sup> CEB, 323 alunos; 2<sup>o</sup> CEB, 240 alunos; 3<sup>o</sup> CEB, 440 alunos;

<sup>2</sup> Excertos do discurso proferido, em Outubro de 2002, por Monsenhor Manuel Clemente Teixeira, Director do CSC, na data em que são celebradas as suas Bodas Sacerdotais, com a presença do Bispo do Porto e do Arcebispo de Nampula.

Secundário, 968 alunos – 842 alunos, nos Cursos Tecnológicos e 126 alunos, nos Cursos Científico-Humanísticos.).

No dia 8 de Junho de 1981, o Colégio celebrou os seus 50 anos de existência, circunstância que motivou a realização de um programa de comemorações, tendo o seu director, P<sup>o</sup> Manuel Clemente Teixeira, sido galardoado com a distinção Cidadão Amarantino de Mérito, "*o Homem próprio que surgiu no momento próprio*", como sublinhou o Engenheiro Pedro Alvellos, vereador do pelouro da cultura, na sessão solene realizada na Câmara Municipal. Dois dias depois, a 10 de Junho, foram impostas as insígnias da Medalha de Ouro do Concelho de Amarante ao Colégio, entregues ao Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes.

A afirmação do Colégio foi-se consolidando: em 1982, iniciou-se a leccionação do 12<sup>o</sup> ano; em 1982/83, passou a ter Paralelismo Pedagógico; em 1985, conseguiu obter Autonomia Administrativa; em 1986, abriu o 1<sup>o</sup> Curso Técnico Profissional de contrato de associação-leccionação gratuita; em 1988/89, o Colégio passa a ter autonomia pedagógica; em 1993, teve início a construção do complexo de piscinas do Colégio; em 2001, ocorre a inauguração do moderno edifício da Pré-Primária; em 2009, o Colégio passou também a ter uma moderna e acolhedora Creche. Cada pedra lançada, cada novo equipamento inaugurado constituiu-se sempre como mais um sinal da vitalidade, crescimento e competitividade do Colégio de São Gonçalo, uma instituição ao ritmo do tempo, capaz de educar em todos os graus de ensino.

### O Que Queremos?

Por mais paradoxal que possa parecer, "*o Colégio de S. Gonçalo encontrou o seu "habitat" próprio ao surgir com uma opção diferente, singular e imprescindível para a comunidade amarantina. Será precisamente esta singularidade radicada no seu ideário que irá tornar-se mais evidente e corresponder à expectativa que a generalidade das famílias que nos procuram esperam da educação – a formação do Homem, num clima de humanismo cristão que faça chegar aos educandos não apenas o saber e o saber fazer; mas o que mais é, o saber ser. Assim se depreende que o Colégio se afirma como uma estratégia correcta de desenvolvimento, capaz de antecipar, preparar e preservar o futuro dos jovens em que as eventuais vantagens comparativas não se alimentam do espírito de competição, mas de um objectivo específico de missão.*"<sup>3</sup>

Vivemos uma era de crise, em que os valores importantes para o ser humano parecem ser apenas os da bolsa de valores. É a era do vazio, do império

<sup>3</sup> *Ibidem*

do efémero, do tédio e do cansaço. Hoje, muitos dos nossos alunos, bem como as suas famílias, sentem-se confusos e à deriva. É neste contexto de desencontros que uma escola católica como a nossa tem obrigação moral de não desistir do seu esforço por criar condições para que cada aluno construa a sua personalidade à volta de um verdadeiro projecto de vida alicerçado nos valores cristãos. É fácil perceber que, quando o insucesso escolar acontece, ele deriva, normalmente, do insucesso pessoal do jovem que não se sente acolhido, dinamizado e motivado por um projecto de vida. Por isso, a dinâmica de exigência e a competência dos profissionais do Colégio de S. Gonçalo continuarão a centrar-se nas coordenadas projecto-solidariedade-responsabilidade.

### Como Caminhamos?

A 10 de Junho de 2007, o Colégio de São Gonçalo comemorou 75 anos de existência. Foi um dia memorável que exigiu de todos os seus colaboradores uma reflexão responsável. Ao olharmos o passado, não pudemos evitar um certo constrangimento ao pensarmos que poderíamos ter feito mais e melhor, sobretudo pelo muito que temos recebido. Daí que queiramos ser uma escola merecedora da confiança que as famílias em nós depositam, com a certeza que esse será o capital que nos permitirá superar os desafios e a exigência que o futuro nos reserva.

Apesar de condicionada pelo seu contexto geográfico e social e pela sua longa história, a identidade do Colégio de São Gonçalo constrói-se dia-a-dia, numa busca incessante da vivência dos princípios reguladores do seu Ideário e na procura de práticas que fomentem uma educação de qualidade, onde o objectivo maior do mestre não seja ensinar, mas levar o aluno a aprender.

É também notório o gradual investimento do Colégio em equipamentos técnicos e tecnológicos modernos. Muitas salas de aula estão já equipadas com quadros interactivos e outros meios facilitadores da acção educativa a alunos e professores. Estes são recursos capazes de potenciar uma dinâmica de ensino-aprendizagem mais atraente e eficaz. São aplicações da tecnologia no contexto escolar que procuram mexer qualitativamente com as rotinas da escola, sempre em busca de mudanças substantivas e não apenas de inovações conservadoras centradas nas aparências, dando ênfase ao meio e não ao conteúdo. Por isso, há novos projectos em curso, como a criação de uma mediateca escolar, um espaço moderno que se constitua como um centro de recursos capaz de fornecer a toda a comunidade educativa uma mais-valia promotora do auto-conhecimento.

Por tudo isto, o Colégio de São Gonçalo, estabelecimento de ensino privado, sem fins lucrativos, pertencente à diocese do Porto, procura manter-se fiel à sua

história sem deixar de ser uma escola do seu tempo. Se na sua génese foi capaz de possibilitar a frequência de estudos a muitos alunos que, se ele não existisse, ficariam apenas com o ensino primário, hoje, o Colégio aparece, neste tempo e no seu contexto geográfico, com o objectivo de continuar a ajudar quem o procura, no seu desenvolvimento cultural e humano, em ordem à realização pessoal e colectiva. O Colégio de São Gonçalo não é uma escola de elite – abre as suas portas a alunos de todas as camadas sociais; não rejeita e não privilegia – está, responsabilmente, com todos os que precisam. Está, de pé, para ajudar a crescer quantos lhe batem à porta – nunca impediu o «pobre» de frequentar as suas aulas nem despediu ninguém pelo incumprimento das magras mensalidades que pratica. É, hoje, uma escola grande, quer na dimensão física quer na «massa» humana que a frequenta. O Colégio espera, confiante, a hora do cumprimento integral da Constituição da República, no ponto em que diz que o ensino particular, em Portugal, existe de direito e de facto e aqueles que o querem frequentar devem ter acesso gratuito à frequência desse ensino, proporcionando-se aos pais poder económico que lhes permita livremente escolher a escola para os seus filhos. E o Colégio de São Gonçalo, obra nascida do sonho de quem sempre dedicou a sua vida ao próximo, berço de verdadeiros paladinos do espírito e da virtude, continuará, certamente, a ser uma escolha consciente e com sentido.

Prof. António da Costa